

Observações sobre a Geografia Agrária no Programa de Pós-graduação em Geografia da UFRJ

An Inside Look at Agrarian Geography in the Postgraduate Programme in Geography, UFRJ

Ana Maria de Souza Mello Bicalhoⁱ
Universidade Federal do Rio de Janeiro
Rio de Janeiro, Brasil

Resumo: Este artigo faz uma breve apresentação de pesquisas agrárias desenvolvidas por professores do Programa de Pós-graduação em Geografia da UFRJ. Contextualiza temas investigados no quadro das transformações agrícolas do país no período dos 50 anos de existência do programa. Temáticas investigadas são exemplificadas por publicações dos professores engajados em estudos agrários como também a participação em redes de pesquisa e de cooperação inter-institucional.

Palavras-Chave: Geografia Agrária; Pesquisas Agrárias; Pós-Graduação em Geografia.

Abstract: This article presents a brief overview of agrarian research undertaken by the professors of the Postgraduate Programme in Geography of the UFRJ. Research themes are contextualized within the transformation of Brazilian agriculture over the fifty years that the programme has existed. Topics investigated are exemplified by the publications of the professors engaged in agrarian studies, their participation in research networks and inter-institutional cooperation.

Keywords: Agrarian Geography; Agrarian Research; Postgraduate Programme in Geography.

Introdução

Este artigo se propõe a apresentar uma síntese retrospectiva da geografia agrária como praticada no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, refletindo sobre as mudanças de orientações metodológicas e interesses temáticos que acompanharam a disciplina no programa. Resgata e prioriza referência a produções e projetos de pesquisa de docentes do programa que se dedicaram a estudos agrários tendo em vista seus *curricula vitae*¹ e consulta a algumas de suas obras. Não se propõe a analisar nem a debater sobre os trabalhos desenvolvidos pelos integrantes do programa, mas apresentar um breve relato que realce temáticas e as contextualize a seu tempo na diversidade de pesquisas de agrária no programa.

ⁱ Professora Titular Aposentada, Programa de Pós-Graduação em Geografia. Instituto de Geociências, CCMN. anabicalho@igeo.ufrj.br. <https://orcid.org/0000-0003-1352-7170>.

DOI: 10.36403/espacoaberto.2022.55761



O foco é na produção de pesquisa essencialmente, mas que se repercute no magistério uma vez que a pesquisa baliza e renova conhecimentos, a oferta de disciplinas e orientações. Faz-se um comentário inicial sobre a posição e consolidação da geografia agrária na grade curricular do programa, precedendo a reflexão sobre o desenvolvimento de pesquisas e produções de geografia agrária no programa PPGG/UFRJ.

A pesquisa de geografia agrária ao longo dos anos do programa reflete, por um lado, as mudanças teórico-conceituais da geografia e, por outro lado, a crescente importância do setor agrícola do país, inflectindo sobre questões sociais e territoriais, ocorridas a partir da modernização da agricultura que parte de políticas nacionais de desenvolvimento econômico.

As pesquisas são, assim, orientadas à compreensão das transformações regionais e organização do espaço rural do país advindas com a modernização da agricultura, formação de complexos agroindústrias e o avanço do agronegócio e, em paralelo, à investigação de questões agrárias associadas a esse processo. Análises críticas têm como foco processos de exclusão e dualidades econômicas e sociais em temas sobre a precarização das condições sociais da população rural por mudanças fundiárias e de relações sociais de trabalho, criadas e/ou aprofundadas com os processos modernizantes. Críticas, essas, que são constantemente reeditadas e adaptadas segundo mudanças do agro e a incorporação de novas questões presentes na sociedade, a exemplo de questões ambientais de interferência na produção e nas relações sociais no rural ou a apropriação e conflito territorial por questões identitárias ou de novas concepções por direitos fundiários. Diversas questões e alternativas produtivas e sociais são incorporadas nas pesquisas e tornam-se mais evidentes principalmente a partir dos anos 2000. O repensar o rural e o agrário e a complexidade dos processos contemporâneos dão continuidade à renovação constante das indagações, de novas temáticas e abordagens de pesquisa na geografia agrária e na formação dos pós-graduandos do programa.

Diretrizes da Geografia Agrária na Pós-graduação em Geografia da UFRJ

A geografia agrária no início da pós-graduação é influenciada por dois movimentos, um pragmático relacionado aos propósitos das políticas de desenvolvimento econômico do país que incluíam programas e medidas para a modernização produtiva e expansão da agricultura brasileira; e um outro movimento de natureza científico-metodológica nas ciências sociais, estabelecendo novos procedimentos e paradigmas, na Geografia, a vertente neo-positivista reconhecida como Nova Geografia. De certa forma essas duas orientações se combinavam. Com base fortemente economicista, os novos paradigmas relacionavam-se bem com as correntes de desenvolvimento econômico das políticas nacionais orientado à modernização da agricultura.

Da geografia agrária, até então, descritiva da paisagem, de habitats rurais, modos/gênero de vida e de sistemas de agricultura de estruturas agrárias específicas e localizadas, era esperado que se tornasse analítica e prospectiva de relações econômico-espaciais, ponderando fatores exógenos indutores de modernização e do avanço da fronteira agrícola atendendo ao projeto político de desenvolvimento econômico. Inovações que reorientavam a lógica da organização do espaço rural apenas para a questão econômica de

atividades, da modernização produtiva e sua localização, regidas por teorias de natureza econômica e operacionalização prospectiva por métodos quantitativos multifatoriais. Eram concepções e procedimentos com modelos e métodos estatísticos quantitativos que se afastavam em muito da prática ordinária da geografia agrária fortemente empírica no estudo de lugares em que estruturas agrárias internas explicavam a organização espacial e não tanto fatores exógenos. No entanto, novos conceitos – de localização, de relações e fluxos, de múltiplos fatores, modelos e de sistemas – foram internalizados para a compreensão da modernização da agricultura, de mudanças na organização espacial e identificação de espaços e condições para promoção da agricultura moderna. Os mesmos conceitos podiam ser trabalhados e aplicados à crítica da dualidade e contradições e precariedades sociais associadas ao processo modernizador, mesmo que não quantificados.

A professora do programa Maria do Carmo Galvão (1986,1991,2009[1988]) corroborou com a discussão teórica da geografia agrária; sobressaiu, entre suas preocupações, rever concepções e metodologias sobre relações campo-cidade a serem entendidas não apenas por questões econômicas de abastecimento e consumo, mas por diferentes trocas entre as duas unidades espaciais. Sua preocupação era pela acuidade conceitual e não necessariamente a quantificação. Nesse sentido, estão presentes fundamentos de interdependência, localização, relações, fluxos, conceitos pertinentes ao movimento teórico da Nova Geografia. Essa atenção se refletia nos trabalhos de pós-graduandos sob sua orientação². Ao mesmo tempo, os efeitos sociais da expansão da fronteira agrícola e mudanças tecnológicas nos sistemas produtivos da agricultura colocavam questões agrárias no centro das pesquisas de professores do programa (BECKER, 1980, 1985; GALVÃO, 1983).

Foram poucos os que assumiram a quantificação na geografia agrária no programa, basicamente os pós-graduandos de origem do Instituto Brasileiro de Geografia – IBGE, órgão de planejamento, o que bem explica a natureza de seus trabalhos realizados na década de 1970. Receberam orientações de docentes/profissionais ligados ao planejamento como os professores Lysia Bernardes, Speridião Faissol e Rivaldo Pinto de Gusmão, os últimos, profissionais do IBGE. No entanto, os autores não se propunham apenas a aplicar uma técnica. Tinham conhecimento da prática da geografia agrária, visível na escolha de variáveis e fatores trabalhados. Propunham discutir e provar modelos e testes estatísticos, principalmente padrões tipológicos da agricultura, com o fim de fornecer elementos para o planejamento regional³.

O consenso geral era o reconhecimento de que métodos quantitativos nem sempre eram aplicáveis a qualquer tema, a não ser para identificar áreas em processo de modernização ou outras com potencial para sua difusão. Na maioria das vezes os métodos quantitativos não eram considerados adequados às questões das investigações que requeriam informações empíricas e apenas seguia-se uma matemática descritiva. Mesmo pesquisadores defensores de métodos quantitativos como os modelos de tipologia agrícola, nem sempre se lançavam a esses procedimentos, pois dependeria do que estariam investigando, uma vez que temas como sobre políticas, reforma agrária, mobilidade do trabalho e outros eram incompatíveis com a quantificação corrente. Professores do programa especialistas de estudos agrários não se integraram à corrente da quantificação,

mas deram maior atenção a formulações mais sistematizadas, metodológicas e conceituais, além de seguirem postura crítica do quadro social moderno exposto em seus trabalhos. Nos trabalhos dos pós-graduandos a preocupação com a questão social fica clara em dissertações concluídas a partir do início dos anos de 1980.⁴

Todavia, na grade curricular no início do programa com o curso de mestrado, as disciplinas oferecidas relacionavam-se fundamentalmente aos novos questionamentos teóricos e metodológicos da Nova Geografia: Teoria da Geografia, Métodos Estatísticos para a Geografia, Métodos Matemáticos para a Geografia, Teoria Geral dos Sistemas, Técnicas Quantitativas em Geografia e Rumos Atuais da Geografia. Nas temáticas da geografia humana, exemplificam-se: Teoria da Urbanização e Sistemas de Cidades, Teoria do Desenvolvimento Regional, Teoria da Localização e Interação Espacial, Análise Regional, Relações entre Geografia e Economia, Geografia Política⁵. Disciplinas que, dependendo do ano de realização, contaram com professores conferencistas convidados, representantes internacionais propulsores da Nova Geografia⁶, e convidados nacionais com experiência profissional em planejamento econômico regional. Conceitos de teorias de desenvolvimento, de urbanização e de localização se comunicavam bem com práticas de planejamento regional.

Conteúdos polêmicos críticos e aplicados a exemplos concretos dependiam do perfil e forma do professor conduzir suas disciplinas. Bertha Koiffmann Becker, na disciplina Teoria do Desenvolvimento Regional, trazia para discussão autores internacionalmente reconhecidos dos quais André Gunder Frank (1967), Gunnar Myrdal (1972), Walter Rostow (1961) e John Friedmann (1972) conectavam-se com questões agrárias integradas às Teoria da dependência, Teoria centro-periferia, Teoria do círculo vicioso da pobreza, Teoria de estágio de crescimento, mesmo que tratadas em macroescala. A discussão desses autores acrescentava uma base teórica ao questionamento sobre a realidade nacional marcada por forte desigualdade social e pobreza de grande parte da população no campo, desigualdades entre regiões e entre campo e cidade. Becker (1972), em clássico artigo *Crescimento econômico e estrutura espacial do Brasil*, interpreta e qualifica as diferenças regionais do país com base nessas teorias, fundamentando diagnósticos de desequilíbrios nas relações inter-regionais responsáveis por regiões deprimidas e dependentes, que são regiões periféricas e agrárias.

Maria do Carmo Galvão (1993, p. 27, 28), dedicada a pesquisas de geografia agrária, confirma a carência de disciplina temática de agrária e afirma ter incluído discussões teóricas e operacionais da geografia agrária em disciplinas por ela ministradas, com exemplos do estado do Rio de Janeiro, um “território altamente contraditório em sua estrutura sócio espacial”. No geral, seu debate versava sobre espaços que se configuravam com o novo/moderno tendo em vista a incorporação de técnicas mais produtivas e a substituição de atividades agrícolas tradicionais por outras mais rentáveis, ao mesmo tempo, em que eram mantidas no estado áreas agrícolas com baixa produção e com população muito empobrecida.

Com raras exceções, e a depender do professor e, principalmente, dessas duas professoras, o curso em si e a conjuntura política e econômica do país não corroboravam diretamente com os estudos e a investigação de questões agrárias, havendo interesse por estudos que fossem meramente relativos ao aumento da produção agrícola via modernização técnica e abertura de novas áreas agrícolas.

Na década de 1980, o programa passa por uma transição direcionando-se a uma linha crítica e, por seus contatos externos e de intercâmbios, recebe novas contribuições de outros profissionais, nacionais e estrangeiros, vários com orientação marxista. Porém, o cunho de cursos e de palestras manteve-se concentrado em questões teóricas gerais da geografia e do urbano (cf. GALVÃO, 1993; ESPAÇO ABERTO [entrevista com Becker], 2012; PPGG, 1993). A geografia agrária mantém-se à margem e só é formalmente incluída no quadro disciplinar quando do direcionamento do programa para a diversificação de disciplinas eletivas acompanhando áreas de especialização da geografia.

Nos anos de 1990, a geografia agrária contou com quatro disciplinas específicas da área: O Espaço Agrário Brasileiro, O Espaço Agrário na Sociedade Urbano-industrial, Modernização e Tecnologia Alternativa na Agricultura e Agricultura e Ambiente (PPGG, 1993). Nelas são tratados temas desde a amplitude abrangente da modernização da agricultura a sistemas alternativos de produção e suas implicações sociais e ambientais; desenvolvimento tecnológico moderno e de tecnologias alternativas; transformação do espaço brasileiro, incorporação territorial e consolidação econômica; relações campo-cidade, redes de circulação, comercialização, mobilidade do capital e da força de trabalho; interação homem/meio, revalorização da natureza e do conhecimento empírico na gestão de sistemas produtivos; redimensionamento de estruturas produtivas e diversificação na organização do espaço agrário. A disciplina Tópicos Especiais em Geografia Política, com ementa flexível, permitia inclusão de temas inovadores e desenvolvimento de questões e conteúdo não cotejados no rol das demais disciplinas, tendo-se tratado em várias ocasiões de temas de geografia agrária. Com a criação do curso de doutorado houve adequação das disciplinas a estudos avançados com Estudos Especiais por subáreas de especialização da geografia, dentre as quais se inclui a Geografia Agrária (IGEO, 1995).

Independente do quadro disciplinar do início do programa, as professoras atuantes no agrário, Maria do Carmo Galvão e Bertha Becker, desenvolveram pesquisas coordenando projetos específicos sem a preocupação de aplicar métodos quantitativos, mas atentas a novas temáticas sobre a técnica moderna e o avanço da fronteira agrícola. Nesse período, Maria do Carmo Galvão, nos anos de 1970 e 1980, coordenou os projetos “Geografia Agrária e Rio de Janeiro/SE”, mais tarde redefinido em “Geografia Agrária, Modernização no Campo, Estado do Rio de Janeiro” e “Efeitos da Economia Urbano Industrial sobre a Organização Espacial da Agricultura no Estado do Rio de Janeiro”. Bertha Becker, por sua vez, coordenou os projetos “Estrutura Fundiária e Conflitos na Amazônia Oriental” em 1970-1980 e “Alternativas para o Desenvolvimento Rural” em 1980-1982. Porém, Bertha Becker, mesmo contribuindo ao entendimento do agro brasileiro, não é reconhecida como representante direta da Geografia Agrária do programa, mas sim pelas suas especialidades em Geografia Regional e Geografia Política com foco na Amazônia. Entretanto, muitos de seus projetos de pesquisa pela natureza multiescalar e interdisciplinar incluíam temas agrários desenvolvidos sob o encargo de outros docentes e pesquisadores nacionais e estrangeiros integrados em seus projetos.

A inclusão de novos docentes no quadro do PPGG com interesses no agrário amplia as pesquisas de geografia agrária. Em meados de 1980, ao ingressar na UFRJ, Ana Maria de Souza Mello Bicalho desenvolveu pesquisas nos projetos “Tecnologia Agrícola e Transformação Rural” com destaque a questões sociais e da pequena produção na rees-

truturação espacial e “Zoneamento Agrícola do Município do Rio de Janeiro”, este em convênio UFRJ-Prefeitura da cidade do Rio de Janeiro. Na década de 1990, Júlia Adão Bernardes dedica-se à investigação do agronegócio da soja com o projeto “Técnica, trabalho e espaço; consolidação de um modelo”, alicerçando estudos sobre complexo agroindustrial. Pela mesma época, Scott William Hoefle desenvolve os projetos “Percepção do Ambiente e Domesticação do Espaço na Mata Atlântica” e “As Fronteiras Americana e Brasileira Comparadas”, tratando questões de teor cultural e ambiental do espaço agrário e rural e de fronteira, com abordagem da Ecologia Política e se integra a pesquisas de outros professores com estudos agrários e regionais.

Todos os projetos desenvolvidos no PPGG envolviam/envolvem equipes formadas por professores, pesquisadores, pós-graduandos e alunos bolsistas de graduação junto às equipes de trabalho, incluindo periodicamente novas temáticas incorporadas gradativamente em projetos. Entre meados de 1980 e os anos de 1990, pode-se considerar que a geografia agrária assume um espaço consolidado no PPGG e tem produção diversificada abordando o agronegócio, fronteira agrícola, técnica, pequena produção, e as pesquisas são realizadas tanto em regiões novas de produção quanto em regiões consolidadas.

Até 1990, Bertha Becker e Maria do Carmo Galvão eram as principais orientadoras dos alunos de pós-graduação em estudos do agrário, mas com o avanço de suas carreiras concentraram-se mais em pesquisas e coordenações de projetos. Principalmente a partir de fins dos anos de 1990, as professoras Ana Maria Bicalho e Júlia Adão Bernardes assumem a maior parte das orientações de pós-graduandos e cerca de 75% das dissertações e teses em temas agrários e rurais defendidas no programa foram conduzidas por elas⁷.

A prof^a Júlia Bernardes reforça suas pesquisas com novos projetos acompanhando o desenvolvimento do agronegócio da soja na transição do capitalismo moderno produtivista ao ultraprodutivista e retoma um de seus interesses antigos de investigação, o setor bioenergético face a novas políticas ao setor. Investiga uma outra fase da produção sucroalcooleira e a recente produção de biodiesel a partir da soja, para a qual a política de estímulo técnico-produtivo é associada a uma política social de pequenos produtores e que é criticada. Mantém ênfase na pesquisa regional no estado do Mato Grosso prioritariamente, mas tem retornado a estudos sobre o Norte Fluminense no estado do Rio de Janeiro dentre seus novos interesses temáticos sobre o setor bioenergético.

Por sua vez, a prof^a Ana Maria Bicalho direciona e insere sua investigação no debate de sistemas rurais sustentáveis, antevendo alternativas, estratégias e oportunidades pós-produtivistas para pequenos produtores e agricultores familiares com diferentes modos de vida, incluindo o enfoque à produção orgânica e agroecológica, desenvolvimento comunitário, segurança alimentar, conservação ambiental com usos sustentáveis e agricultura urbana e metropolitana. Por um período, ela desenvolve pesquisas críticas sobre transformações rurais na Região Nordeste e sobre o estado do Rio de Janeiro. Porém, o Nordeste deixa de ser pesquisado, a não ser no acompanhamento de orientação de pós-graduandos, e incorpora interesse no rural e no agrário de região de fronteira com pesquisas na Amazônia Ocidental e no Pantanal Sul-matogrossense.

Mais recentemente, em 2014, Ève-Anne Bühler integra-se ao programa; insere-se em projeto conjunto com Júlia Adão Bernardes, mantém pesquisas já articuladas com

profissionais externos sobre agronegócio e, em seguida, assume coordenação de projeto próprio, “Ruralidades e Expansão Metropolitana no Rio de Janeiro”. A professora segue, assim, duas direções em suas pesquisas. A linha predominante explora a reorganização territorial de áreas de produção do agronegócio, já lhe sendo um tema familiar e anterior ao seu ingresso na UFRJ, e uma outra linha sobre a reorganização territorial de periferias urbanas tendo em vista ruralidades junto ao processo de urbanização.

Interlocução com os Pares e a Consolidação da Geografia Agrária no Programa

Retornando ao início da pós-graduação, a posição pouco destacada da geografia agrária não era singular apenas ao programa. Em uma época de profundas e rápidas transformações do espaço rural brasileiro, do agravo de dualidades espaciais e contradições sociais no “antigo” e no “moderno”, acrescidos das divergências quanto aos novos paradigmas de como “fazer ciência”, geógrafos agrários com diferentes matizes teórico-metodológicos se aproximaram em reuniões regulares de discussão de trabalhos teóricos e empíricos, definindo orientações para seu campo específico de pesquisa. Procuravam suplantar a posição secundarizada em que era vista a geografia agrária frente às dificuldades de se inserir plenamente no que se apresentava como renovação científica com a Nova Geografia, esta, mais apropriada à geografia urbana, valorizada e mais atrativa à aplicação dos novos conceitos, modelos e métodos quantitativos.

Discutir e definir rumos da geografia agrária estimulou geógrafos agrários a debates que convergiram para a criação de um espaço permanente de exposições de trabalhos e de discussões, os Encontros Nacionais de Geografia Agrária – ENGA – com edições de 1978 ao presente. O PPGG/UFRJ foi um parceiro nessa construção, junto com geógrafos dos demais programas de geografia em funcionamento na época. Segundo Galvão (2009 [1988] p.225). visava-se com os encontros “resgatar e revitalizar esse setor da geografia [a geografia agrária]”. Esta preocupação dos pesquisadores estendia-se ao ensino da geografia agrária e, na edição do XIII ENGA em 1996, houve uma mesa redonda especificamente sobre o ensino. Duas contribuições se destacaram, a de Gerardi (1996) que teceu sugestões ao ensino da geografia agrária no nível da graduação após comentar programas da disciplina de diferentes universidades e a de Diniz (1996) apreciando dissertações e teses em geografia agrária de 1993 a 1996 produzidas em diferentes pós-graduações – a UFRJ estava incluída na apreciação de ambos os palestrantes.

As professoras do programa Bertha Koiffmann Becker e Maria do Carmo Corrêa Galvão foram assíduas presenças, conferencistas e contribuidoras dos debates, junto a colegas de outras pós-graduações desde os anos iniciais dos encontros. Dentre os presentes nos primeiros encontros⁸, as duas professoras participaram das discussões junto aos colegas Lucia Helena de Oliveira Gerardi, Antonio Olívio Ceron e Silvio Carlos Bray da UNESP/ Rio Claro, Mário Lacerda de Melo e Manuel Correia de Andrade da UFPE, Jose Alexandre Felizola Diniz da UFS, Ariovaldo Umbelino de Oliveira e Rosa Ester Rossini da USP. Formavam um grupo de expoentes professores e pesquisadores que se tornaram referência na geografia agrária brasileira para as gerações seguintes e que continuaram participando de outras edições do ENGA.

O programa realizou dois desses eventos, o primeiro deles foi o 3º ENGA em 1980, sendo a comissão organizadora formada pelas professoras Maria do Carmo Correa Galvão, Maria Helena Castro Lacorte, Mariana Helena S. Palhares Miranda e William Gonçalves Soares, este, colaborador externo e titulado Mestre em Geografia pela UFRJ. As apresentações de convidados, “Transformações Recentes na Agricultura Brasileira” por Brito e Mesquita, “Políticas Agrícolas e a Questão da Reforma Agrária” por Diniz e “Agricultura e Indústria no Brasil” por Oliveira versaram sobre questões agrárias a nível nacional com diagnósticos e propostas em uma abordagem crítica de suas temáticas. Comunicações livres trataram de estudos correlatos às temáticas dos palestrantes. No conjunto, o evento demonstrou uma orientação predominante dos pesquisadores quanto a questões internas da agricultura. No entanto, o papel de políticas nacionais é inserido de forma mais evidente como elemento externo nos processos agrários do que em reuniões anteriores, abordado tanto por participantes externos quanto participantes internos do programa.

Integrantes do PPGG/UFRJ fizeram exposições de resultados relativos a projetos de pesquisas desenvolvidos no programa: a) do projeto “Efeitos da economia urbano industrial sobre a organização espacial da agricultura no estado do Rio de Janeiro”, foi apresentado o trabalho “A propósito da organização pastoril leiteira no estado do Rio de Janeiro” de coautoria de Maria do Carmo Corrêa Galvão e Maria Célia Nunes Coelho e b) do projeto “Expansão da fronteira agrícola na Amazônia” foram apresentados três trabalhos, “Acessibilidade e uso da terra na área Belém-Brasília” de coautoria de Maria Helena Lacorte e Mariana Miranda, “A questão da terra na Amazônia e a via brasileira de desenvolvimento capitalista no campo: uma contribuição geográfica” de autoria de Bertha K. Becker e “Mobilidade do trabalho: proletarização e conservação do campesinato na Amazônia” de coautoria de Bertha K. Becker e Lia Osório Machado. Projetos e trabalhos que expressam bem a orientação de duas linhas de pesquisa do programa, uma sobre o agrário em região consolidada, exemplo do estado do Rio de Janeiro, e outra sobre região de fronteira agrícola, a Amazônia; porém, ambas considerando os impactos e mudanças em atividades, no acesso à terra e na estrutura agrária decorrentes de políticas de desenvolvimento e modernização. Retratam a geografia agrária praticada nas pesquisas dos professores do programa na década de 1970 ressaltando as questões sociais no processo de transformação rural. Como inovação, Galvão (2009 [1988]) chama a atenção à inclusão de um espaço de debate sobre trabalho e a questão fundiária com grupos associativos.

Sob a incumbência do PPGG/UFRJ em 1990, o 10º ENGA seguiu um temário em direção a relações intersetoriais, relações campo-cidade, inovações e gestão do espaço. Palestrantes estavam distribuídos em uma mesa redonda e duas sessões de painéis. A mesa intitulada “O Complexo Agroindustrial: formas de atuação, intervenção e impactos” teve a contribuição de Müller com a exposição “O Agrário no Complexo Agroindustrial” e queda com a fala “Algumas Observações sobre as Relações entre Agroindústria e Produtores Agrícolas”, incluídos como debatedores os professores Claudio Antonio Gonçalves Eglar do PPGG/UFRJ e Manuel Correa de Andrade da UFPE. Seguiram-se painéis com convidados encaminhando debate sobre “Tecnologia e Gestão do Espaço Agrário” e sobre “As Novas Relações Campo-cidade” (ENGA,1990). O temário inovou

com a inclusão nas discussões do papel de atores políticos e empresariais nos processos de decisão e de interveniência na gestão e organização do espaço agrário indicando uma diretriz inicial de estudos de gestão do território.

A gestão do território tornou-se base das pesquisas de geografia agrária, considerando tanto a escala regional como local, e as investigações incluíam outras dimensões que não exclusivamente a econômica, como apontado por Galvão (2009 [1988] p.230) “viabilizando mecanismos de decisão, controle e gestão, ou seja, instrumentalizando tipos diferenciados de agentes sociais e modalidades diversas de apropriação e organização do espaço – rural e/ou urbano, com suas particularidades”. Ou ainda, nos dizeres de Becker (1996, p. 3, 4), no reconhecimento da apropriação social de territórios como fonte de poder de diferentes grupos sociais e do poder público, requer à geografia “discutir as mediações possíveis entre, por um lado, as estratégias planetárias derivadas do poder científico-tecnológico e do controle das decisões ao nível dos conglomerados econômico-financeiros transnacionais e do aparelho do Estado e, por outro lado, as culturas diferenciadas territorialmente localizadas”. Seguindo o pensamento de Becker, isso em si significa antever “uma nova forma de produção e de regulação, a ela associada – para muitos denominado de desenvolvimento sustentável”, que valoriza as diferenças e é mediado por todos agentes sociais em novas relações público-privado articulados em rede na gestão territorial.

Os projetos de pesquisa agrária no PPGG-UFRJ que seguem dos anos 2000 em diante, sejam eles aprofundando o entendimento do movimento ou de nova fase do agronegócio, ou, em direção contrária, seja sobre resiliência e alternativas de pequenos produtores e da agricultura familiar, fundamentam-se em questões basilares da gestão territorial, articulando técnicas, informação, organização social e poder no domínio de territórios, com alianças de atores articulados em redes. Em combinação e conexão de escalas, resultantes espaciais, sociais, ambientais e de processos econômicos e políticos são diferenciados.

Com a criação de novas pós-graduações em geografia, os projetos de pesquisa agrária do programa se estendem e aprofundam questões ao estabelecer novos vínculos e redes de cooperação acadêmica com outras instituições e pesquisadores externos ao programa e estreitar vínculos internacionais.

Intercâmbios, Cooperação e Internacionalização na Pesquisa Agrária

As pesquisas de geografia agrária junto ao programa são desenvolvidas em linhas temáticas que reúnem grupos de professores na investigação de questões de interesse comum e segundo regiões investigadas. Predomina a escala regional na investigação quando tratados processos econômicos e políticas agrícolas fortalecedoras do agronegócio e de fronteiras agrícolas, haja vista a expansão de novas áreas produtivas e de reestruturação territorial nacional ou considerando mudanças técnicas na intensificação da produção e o incremento do setor agroexportador. Conflitos e contradições sociais do complexo e financeirização agroindustrial e do setor agroexportador, no que concerne a relações de trabalho, acesso ou desapossamento à terra e a bens de produção e quanto às condições ou qualidade de vida, são discutidos, geralmente em investigação de casos

localizados, em análises sobre a pequena produção, agricultura familiar, grupos sociais e comunidades. Nesses casos, busca-se explicar processos de exclusão e inclusão social, mas também compreender processos de permanência e resiliência, identificando vias que lhes são mais apropriadas e contrárias a práticas e políticas economicistas do setor agrícola de forte caráter produtivista.

Uma característica do programa e recorrente na geografia agrária é a articulação de pesquisadores e de projetos de pesquisas em intercâmbio e cooperação com outras instituições em colaboração nacional ou internacional. Muitas dessas articulações ocorrem por grupos de professores em linhas temáticas que os unem.

Projetos de pesquisa coordenados pela professora Bertha Becker sobre a Amazônia no Laboratório de Gestão do Território – LAGET – foram aglutinadores de pesquisadores. Com o objetivo dos projetos de pensar o território, ressaltando o papel e significado das cidades e seu destaque científico-tecnológico, os estudos agrários visaram entender as relações das cidades e de eixos logísticos de penetração regional com o meio rural. Em áreas selecionadas, a pesquisa agrária na região focalizou investigação junto a populações e comunidades rurais com base em trabalhos de campo intensivos de forma a compreender a sociobiodiversidade da Amazônia e as perspectivas e formas de integração de populações locais nos processos de ordenamento do território na região.

No programa, participaram nesses projetos de abrangência ao agrário os professores Ana Maria Bicalho, Maria Helena Palhares de Miranda e Scott William Hoefle e vários pós-graduandos. Vicente Paulo dos Santos Pinto, docente da Universidade Federal de Juiz de Fora, durante e após suas titulações de Mestre e Doutor no programa, manteve e ainda mantém vínculo como pesquisador do LAGET, participando de projetos junto a diferentes professores. Outras relevantes instituições parceiras em pesquisas agrárias na Amazônia junto ao laboratório foram o Museu Paraense Emílio Goeldi com a participação de Roberto Araújo dos Santos e o *Institut de Recherche pour le Développement* da França, na presença frequente do pesquisador Philippe Lená participando em projetos de cooperação bilateral Brasil-França, além de outros colaboradores franceses. Projetos coordenados por Scott William Hoefle de cooperação bilateral Brasil-Estados Unidos, CNPq-National Science Foundation, integraram os pesquisadores estadunidenses Robert Walker e Cynthia Simonns e, pelo projeto de intercâmbio internacional Brasil-Alemanha, CAPES-DAAD, Martina Neuman da Alemanha participou de atividades de pesquisa na Amazônia ribeirinha junto à equipe brasileira.

As pesquisas nessas parcerias abordaram questões de frentes de expansão da fronteira agrícola, principalmente, seguindo eixos e entroncamentos rodoviários da BR-230 (Transamazônica) e BR-319 (Porto Velho-Manaus) no sul do estado do Amazonas; BR-230 (Transamazônica) e BR-163 (Cuiabá-Santarém) no oeste do estado do Pará e, ao norte de Manaus, a BR-174 (Manaus-Boa Vista) e a BR-210 (Perimetral Norte) no estado de Roraima. Nas primeiras incursões das pesquisas na região incluía-se a rodovia Belém-Brasília, BR-010.

Desde o início das pesquisas na região, conflitos fundiários se destacaram como decorrentes do processo de colonização (BECKER, 1985; MIRANDA, 1982, 1985, 1987), problemas que se perpetuaram e se tornaram mais complexos à medida em que novos

atores se consolidavam e a ocupação avançava por novas áreas. Dessa forma, manteve-se na tônica das investigações, conflitos de atores em confrontos por apropriação de terras e domínio de territórios; por um lado, entre pequenos produtores e camponeses de assentamentos de colonização e de regularização fundiária do INCRA no enfrentamento de grandes proprietários de terras com produção de gado bovino e soja e, por outro lado, entre todos esses atores e unidades de conservação ambiental (BICALHO, 2013; BICALHO, HOEFLE, 2008, 2015; HOEFLE, 2017). A falta e/ou precariedade de instituições de segurança pública contribui para embates físicos interpessoais atribuindo ao agro da fronteira um emaranhado de incertezas jurídicas e conferindo um caráter de violência e brutalidade à fronteira. (HOEFLE, 2006).

Comunidades ribeirinhas também foram investigadas, primeiramente, nos rios Madeira e Amazonas, indagando-se sobre possíveis impactos da fronteira agrícola e da hidrovia do rio Madeira de transporte de soja de Mato Grosso para os portos de Santarém e de Itacoatiara, localizados ao norte (HOEFLE, 2012). Outra temática de pesquisa desenvolvida junto a ribeirinhos referia-se ao papel e influência de Manaus sobre a população de várzea do Solimões/Amazonas, intensificando relações com o estímulo a produções agrícolas para a cidade de Manaus (BICALHO, 2010; BICALHO, HOEFLE, 2012).

O papel das cidades sobre suas áreas de influência direta e ao longo das rodovias demonstrou-se limitado na resolução das contradições do processo de ordenamento do território, salvo em casos pontuais e localizados onde as relações rurais-urbanas eram mais intensas. Mesmo “Projetos Demonstrativos – PDA – PPG7 –”, pesquisados nos estados do Amazonas e do Acre e conduzidos pela professora Maria Helena P. Miranda, mostraram-se ora mais promissores e ora limitados no alcance de alternativas às comunidades locais (MIRANDA, 2003, 2010).

Com a inclusão de Ana Maria Bicalho nas pesquisas da Amazônia junto a projetos em curso e a seus projetos específicos, outras indagações foram inseridas e investigadas considerando áreas rurais nas proximidades e de influência de Manaus, tanto áreas ribeirinhas de várzeas quanto de terra firme. Ao investigar a constituição de áreas de produção de alimentos para o abastecimento da cidade ao longo do rio Solimões e em terra firme adjacente (BICALHO, 2008, 2010, 2011 Marrocos), foi detectado e incorporado como objeto de pesquisa a presença de atividades rurais não agrícolas. Em direção norte, os municípios de Rio Preto da Eva e de Presidente Figueiredo direcionavam-se para a constituição de um espaço rural multifuncional. Em meio a áreas de produção de alimentos de pequenos produtores e em assentamentos fundiários, instalavam-se atividades de recreação, veraneio e turismo de pesca atendendo à demanda de Manaus. Os municípios também apresentaram experimentos alternativos agroflorestais e de gestão comunitária de atividades agrícolas e não agrícolas, espontâneas ou por estímulo e fomento de PDA- PPG7 (BICALHO, HOEFLE, 2012; PINTO, 2003).

Nos eixos viários fluviais no estado do Amazonas, a pesquisa investigou efeitos de políticas estaduais com proposta sustentável, visando reativar antigas produções extrativistas e agrícolas articuladas ao processamento agroindustrial localizado nas cidades, como no caso da produção de fibras e de borracha (látex) naturais. Produtos, estes, que também foram estimulados no oeste do estado do Pará (BICALHO, 2009a, 2018). Apesar dos estímulos e do potencial regional de recursos, de novas tecnologias e do conheci-

mento local, a concorrência empresarial inter-regional restringia o alcance e o estímulo dessas atividades e seu papel na sustentabilidade regional.

A investigação com levantamentos de campo junto a comunidades ribeirinhas nos rios Solimões/Amazonas e Tapajós, em áreas para além do circuito de influência direta de Manaus ou outra cidade, surpreendeu pela organização proativa, coletiva e comunitária das populações e por sua mobilização política. Esse reconhecimento *in locu*, fez com que se direcionasse a pesquisa a explorar a criação de capital social, apropriando-se de fundamentação teórico-analítica baseada no empoderamento e governança local. Literatura de desenvolvimento inclusivo, participativo, comunitário, neo-endógeno e de governança é aprofundada e agregada ao debate do desenvolvimento rural sustentável (Friedmann, 1992; Kaufman, 1997; Ray, 2006). O caráter e a dimensão social e política na sustentabilidade rural são sobressaídos em pesquisas de Bicalho, sejam na Amazônia ou em outra região investigada (BICALHO, 2009b, 2013; BICALHO E HOEFLE, 2010)

Diferente abordagem sobre o agro na fronteira é conduzida pela prof^a Júlia Adão Bernardes investigando a lógica da cadeia produtiva do agronegócio no estado do Mato Grosso. Suas pesquisas têm como ponto central compreender a força empresarial capitalista do complexo agroindustrial na apropriação de novos territórios associada ao avanço do meio técnico-informacional do capitalismo globalizado. Fundamentos de Milton Santos e de Joan-Eugeni Sánchez sobre comportamento econômico na prepotência do capitalismo na relação sociedade-espaco-natureza são aplicados e aprofundados no entendimento da formação de complexos agroindustriais da soja. Na investigação conduzida nos diferentes projetos sobre agronegócio da professora, considera-se a relação agroindustrial com recursos físicos e humanos e os efeitos sobre as atividades, a divisão social do trabalho, o território e a organização espacial, sendo tratados o avanço e a consolidação da economia da soja em áreas de cerrado e áreas amazônicas.

À semelhança de pesquisas já comentadas, esses estudos privilegiam eixos rodoviários, a BR-163 – Cuiabá-Santarém (BERNARDES, FREIRE FILHO, 2005; BERNARDES, SILVA, 2016), que é ao mesmo tempo eixo de penetração da soja e de atividades complementares e de escoamento do produto para exportação. O mesmo ocorre em novas áreas em investigação, áreas que acompanham outro eixo rodoviário, a BR-158, cruzando o nordeste mato-grossense em direção norte, rodovia pela qual a soja se expande e é transportada da área produtora em direção ao Pará via Marabá, seguindo para exportação pelo Terminal Marítimo de Ponta da Madeira em São Luiz no Maranhão (cf. Júlia A. Bernardes, c.v. lattes).

As pesquisas realizadas e coordenadas pela professora Júlia Bernardes são ampliadas para outras áreas e culturas, acompanhando trajetórias e mudanças do agronegócio. Às críticas dos impactos do agronegócio sobre a divisão territorial e do trabalho são incorporadas críticas ambientais e é incluído no conjunto das investigações o interesse pelo setor bioenergético, seja em novas áreas identificadas como fronteiras do biodiesel (BERNARDES, ARACRI, 2011), seja em releitura e atualização do complexo sucroenergético consolidado em outras regiões de produção (BERNARDES, CASTILLO, 2019; BERNARDES, SILVA, ARRUIZZO, 2013; BERNARDES, SILVA, 2014).

Júlia Bernardes reúne no Núcleo de Estudos Geoambientais – NUCLAMB – um grupo de pesquisadores de diferentes universidades com interesses semelhantes sobre o

agronegócio, sendo alguns antigos pós-graduandos do programa e atualmente docentes. A Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT – é antiga parceira em projetos e no intercâmbio de pesquisadores. A rede de cooperação com universidades e instituições de pesquisa é extensa.

No caso de docentes integrantes de projetos de pesquisa do NUCLAMB, em parcerias com diferentes universidades, são referências comuns em trabalhos, Dimas Moraes Peixinho da Universidade Federal de Goiás – UFG –, Luiz Angelo dos Santos Aracri da Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF –, Marília Leite Cafezeiro do Instituto Federal do Rio de Janeiro – IFRJ – e José Bertoldo Brandão Filho da Faculdade da Região dos Lagos – FERLAGOS. O tema da soja e do agronegócio transcende os processos brasileiros de forma que a rede de pesquisa do laboratório passou a integrar pesquisadores do agronegócio de instituições de outros países da América do Sul, com destaque para as articulações e cooperação com pesquisadores argentinos (BERNARDES, et al., 2017), nas palavras de um deles, abordando a “translatinização” de empresas atuantes em mais de um país.

Os estudos “translatinos” são corroborados com articulações da professora Ève Anne Bühler, outra docente do programa com atividades junto ao NUCLAMB. Ela tem participação conjunta em grupos de colaboração internacional inicialmente formados com a professora Júlia, além de aproximar outros pesquisadores, principalmente franceses, ao laboratório.

Colaborações nacionais-internacionais no NUCLAMB são verificadas em projeto de cooperação bilateral CAPES-COFECUB incluindo pesquisadores nacionais como Ricardo Castillo da Universidade Estadual de São Paulo – UNICAMP –, Denise Elias da Universidade Estadual do Ceará – UECE – e Samuel Frederico da Universidade Estadual Júlio Mesquita Filho – UNESP/Rio Claro, e pesquisadores estrangeiros, a exemplo de Martine Guibert, Marie Gisclard e Bezunesh Tamru. O apoio do *Centre National de la Recherche Scientifique* em projeto com a coordenação de Pierre Gautreau fortalece a integração com pesquisadores de instituições francesas investigando o agronegócio na América do Sul.

Com essas parcerias, o escopo das pesquisas do NUCLAMB se amplia, investigando-se o agronegócio em outros países latinos e regiões sob a égide da globalização, o poder dos grandes empreendimentos multinacionais e do capital financeiro sobre políticas e sobre o Estado em suas estratégias de territorialização empresarial (BERNARDES, BÜHLER, COSTA, 2016; BÜHLER, GUIBERT, DESJARDINS, 2016; BÜHLER, GUIBERT, OLIVEIRA, 2016;). Dentre novas regiões sendo investigadas pela prof^a Ève Anna, pesquisas são realizadas sobre a constituição de novos territórios do agronegócio na Região Nordeste do país e o tema sobre recursos naturais é realçado (GUIBERT, BÜHLER, 2016; BÜHLER, OLIVEIRA, 2018; OLIVEIRA, BÜHLER, 2020).

Ève Anne Bühler também demonstra interesse por mudanças rurais relacionadas à expansão urbana do contexto metropolitano do Rio de Janeiro, buscando verificar na periferia urbana características típicas do rural que persistem e mantêm ruralidades em meio a influências de investimentos urbanos-industriais. Com interesses no Rio de Janeiro, ela se associou a projeto do professor do programa William Ribeiro que investiga a reestruturação espacial do estado do Rio de Janeiro (cf. Ève Anne Bühler, c.v. lattes).

A trajetória de pesquisa da Ana Maria Bicalho é diversificada e tem investigado diferentes regiões. Ela transita por conceitos sociais e culturais, econômicos, ambientais,

sobressaindo uns mais do que outros a depender das questões e objetivos sob investigação de cada projeto. Nas décadas de 1980 e 1990, teve uma fase de investigação sobre a Região Nordeste, tratando de inversão de capital urbano, irrigação e capitalização da agricultura no Agreste e no Sertão (BICALHO, HOEFLE, 1990). Afasta-se de trabalhos sobre esta região, mas mantém orientações de teses em temáticas sobre ela até 2008¹¹. Concentra-se em investigações sobre a Amazônia, como já comentado, sobre o Pantanal e sobre o estado do Rio de Janeiro. Tem como fundamento básico a sustentabilidade rural na indissociabilidade socioecológica, em análises de sistemas agrícolas, organização espacial e territorial e qualidade de vida, incluindo segurança alimentar e o saber local. Há um foco em sistemas alternativos/orgânicos/agroecológicos, produtos diferenciados típicos de regiões e de pequenos produtores e agricultores familiares. Há colaboração em pesquisas com professores da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS – e da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – UFRRJ.

Sobre o agronegócio, junto com a prof^a Ana Paula Correa de Araújo – UFMS –, conduzem pesquisa sobre pecuária bovina no Pantanal Sul-matogrossense. Têm investigação sobre o sistema criatório da bovinocultura de corte com técnicas e lógicas de produção modernas e ultramodernas com investimentos regionais e nacionais de fontes industriais e financeiras (ARAUJO, BICALHO, 2010). Também pesquisam, com a colaboração da prof^a Icléia Albuquerque de Vargas da UFMS, a pecuária alternativa/orgânica com foco na geração de inovações técnico-produtiva e gerencial e prevendo consumo interno e exportação de carne bovina orgânica (BICALHO, ARAÚJO, 2021). Recentemente, são introduzidos novos temas e objetivos direcionados a pequenos produtores, população ribeirinha e agricultura urbana (BICALHO, HOEFLE, ARAÚJO, 2020) em contraste ao agronegócio que domina a região.

Pesquisas sobre o Rio de Janeiro são realizadas há longa data e, principalmente, em se tratando de agricultura metropolitana, agricultura urbana e periurbana, multifuncionalidade e interação rural-urbana (BICALHO, 1989, 1992; BICALHO, MACHADO 2013, 2019) e de sistemas de alimentos orgânicos (BICALHO, FERES, 2014). Em dois projetos de cooperação da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária / EMBRAPA SOLOS com objetivos interdisciplinares, universidades nacionais e internacionais e institutos de pesquisa, a professora coordenou equipe em temática social. No primeiro projeto, de 1995-1998, sob a coordenação geral de Francesco Palmière, a EMBRAPA iniciava pesquisa sustentável e incluía pesquisadores da área social da UFRJ, PUC-Rio e do IICA- Instituto Interamericano de Cooperação para a Agricultura. O projeto seguinte de 2010-2012, com coordenação geral de Ricardo Trippia Peixoto, seguia princípios semelhantes desenvolvendo temas sobre qualidade de vida, percepção socioespacial, socioambiental e etnoagronomia, pretendendo-se ações demonstrativas e devolutivas associadas à extensão (BICALHO, HOEFLE, 2002; BICALHO, PEIXOTO, 2016).

Nas relações internacionais, Ana Maria Bicalho foi ativa junto à Comissão sobre Sistemas Rurais Sustentáveis – CSRS – da União Geográfica Internacional – UGI. Inicialmente, foi membro do Comitê Executivo da comissão de 1997 a 2006. Em 2006, indicada pelos pares e com seu nome aprovado pela direção da UGI, assumiu a presidência da Comissão, ficando no posto até 2012. Na presidência, estimulou a diversidade regional do comitê e de um grupo frequente de participantes de colóquios, representantes de países de todos

os continentes. O encontro internacional da CSRS de 2003, realizado no Brasil, teve a cooperação dos docentes Vicente Paulo S. Pinto da UFJF e Maria Aparecida Tubaldini da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG. Em 15 anos ativos na CSRS, a professora conviveu com novas perspectivas teóricas e novos temas que expandiam as abordagens da geografia agrária, propiciando a troca e renovação de conhecimentos do agro em diferentes regiões do mundo e contextos sociais e políticos diversos. Renovação, esta, que fica expressa nas publicações organizadas com geógrafos agrários internacionais (BICALHO, LAURENT, 2014; Frutos et al. 2009, CAWLEY et al., 2013). A intensa experiência teve reflexos em suas pesquisas no Brasil ao definir temas e objetivos de investigação.

Considerações Finais

A geografia agrária durante os 50 anos do Programa de Pós-graduação da UFRJ, acompanhou um período de grandes mudanças do espaço agrário brasileiro, reestruturações territoriais associadas à intensa urbanização e mobilidade espacial da população. A transição demográfica com registros iniciais ocorridos em 1970 com 56% de população urbana e 44% de população rural (segundo censo IBGE) é consolidada com o predomínio urbano tendo estímulos de políticas públicas tanto para setores urbanos quanto setores agrícolas.

Para o agro, políticas corroboram com a intensificação técnica-científica do processo produtivo e na formação de conglomerados e complexos agroindustriais que se internacionalizam. É intensa e rápida a reestruturação espacial, do urbano e do rural. O país se torna um dos maiores produtores de alimentos do mundo atuando na economia globalizada. Atende ao mercado interno com população urbana predominante e crescente e tem grandes volumes de exportação. Ao mesmo tempo, em que há reestruturação e organização espacial pelo continuado avanço do agronegócio, descortina-se empobrecimento de população rural marginalizada, reproduzindo exclusão constante da população dos processos econômicos dinâmicos. Às históricas questões agrárias, acrescentam-se outras relacionadas a novos processos de exclusão e de expulsão de populações rurais pela economia verde, erroneamente nominada de “sustentabilidade”, uma vez que não apresenta alternativas sociais ou um desenvolvimento integrado sustentável.

A trajetória de pesquisas agrárias no programa sempre foi orientada a investigar e desnudar essas contradições, com questões reformuladas e ajustadas a seu tempo e espaço. Seja a pesquisa sobre o agronegócio, pequena produção ou problemas socioambientais, em áreas tipicamente rurais ou de interação rural-urbana/urbana-rural, o nexo dos diferentes projetos e temários investigados é a desigualdade social e a degradação ambiental e/ou estas combinadas.

Referências Bibliográficas

ARAUJO, A. P., BICALHO, A. M. S. M. *O rural em movimento: a pecuária nas transformações espaciais do Pantanal*. Campo Grande: Editora UFMS, 2010.

Ana Maria de Souza Mello Bicalho

BECKER, B. K. Crescimento econômico e estrutura espacial no Brasil. *Revista Brasileira de Geografia*, v. 34, n. 4, p. 101-116, 1972.

_____. A questão da terra na Amazônia e a via brasileira de desenvolvimento capitalista no campo. In: *III Encontro Nacional de Geografia Agrária*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1980.

_____. A fronteira em fins do século XX – proposições para um debate sobre a Amazônia. In: *IV Encontro Nacional de Geografia Agrária*. Uberlândia: UFU, 1983.

_____. The state and the land question of the frontier. *Geojournal*, v. 11, n. 1, p. 43-62, 1985.

_____. Apresentação. *Território*, v. 1, n. 1, p. 3-4, 1996.

_____; MACHADO, L. O. Mobilidade do trabalho: proletarização e conservação do camponato na Amazônia. In: *III Encontro Nacional de Geografia Agrária*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1980, p. 25-28.

BERNANDES, J. A.; ARACRI, L. A. S. (Orgs.). *Novas fronteiras do biodiesel na Amazônia*. Rio de Janeiro: Arquimedes, 2011.

_____; BUHLER, Ê. A.; COSTA, M. V. V. (Orgs.). *As novas fronteiras do agronegócio*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2016.

_____; CASTILLO, R. (Orgs.). *Espaço geográfico e competitividade: regionalização do setor sucroenergético no Brasil*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2019.

_____; FREDERICO, S.; GRAS, C.; HENÁNDEZ, V.; MALDONADO, G. (Orgs.). *Globalização do agronegócio e land grabbing*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2017.

_____; FREIRE FILHO, O. L. (Orgs.). *Geografia da Soja BR-163*. Rio de Janeiro: Arquimedes, 2005.

_____; SILVA, C. A. (Orgs.). *Modernização e território: entre o passado e o presente do norte fluminense*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2014.

_____; SILVA, E. J. M. Estratégias das empresas comerciais exportadoras da cadeia de grãos na fronteira da BR-163 mato-grossense. In: BERNANDES, J. A.; BUHLER, Ê. A.; COSTA, M. V. V. (Orgs.). *As novas fronteiras do agronegócio*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2016. p. 83-100.

_____; SILVA, C. A.; ARRUZZO, R. C. (Orgs.). *Mudanças no paradigma sucroenergético*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2013.

BICALHO, A. M. S. M. Capitalización Rural en la Franja Periurbana de la Zona Metropolitana de Rio de Janeiro. *Revista Interamericana de Planificación*, v. 22, n. 87/88, p. 179-193, 1989.

_____. Agricultura e Ambiente na Cidade do Rio de Janeiro. In: ABREU, M. A. (Org.), *Sociedade e natureza no Rio de Janeiro: passado e presente*. Rio de Janeiro: Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 1992, p.285-316.

_____. Comercialização da produção familiar: canais de distribuição da hortifruticultura no abastecimento urbano. In: OLIVEIRA, M. P.; COELHO, M. C. N.; CORRÊA, A. M. (Orgs.). *O Brasil, a América Latina e o mundo: espacialidades contemporâneas II*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2008, p. 279-297.

_____. Agricultural-industrial integration and new applications of natural fibers: jute floodplain cropping in the Amazon reborn? *Revija za Geografijo*, v. 4, n. 1, p. 15-26, 2009a.

_____. Capital social na várzea amazônica. In: BICALHO, A. M. S. M., GOMES, P. C. C. (Orgs.). *Questões metodológicas e novas temáticas na pesquisa geográfica*. Rio de Janeiro: Publit, 2009b. p. 93-122.

_____. Reestruturação rural e participação política no entorno de Manaus. In: SANTOS JR., R. A. O., LÉNA, P. (Orgs.), *Desenvolvimento sustentável e sociedades na Amazônia*. Belém: Museu Goeldi, 2010. p. 409-446.

_____. Strategies for more direct marketing of farm produce in brazil: the case of family farmers near Manaus. In: KERZAZI, M.; AIT HAMZA, M.; EL ASSAAD, M. (Orgs.), *Produits agricoles, touristique et développement local*. Casablanca: Université de Casablanca/CSRS-UGI, 2011. p. 35-44.

_____. Forestry management in inhabited conservation units: the Tapajós National Forest as a model of community governance. In: CAWLEY, M.; BICALHO, A. M. S. M.; LAURENS, L. (Orgs.), *The sustainability of rural systems*. Galway: Irlanda: CSRS-IGU/Whitacker Institute-National University of Ireland Galway, 2013. p. 36-45.

_____. Latex production reborn in the Amazon: eco-economy and sustainability? In: CARRIL, V. P.; GONZÁLEZ, R. C. L.; SANTAMARÍA, J. M. T.; MCKENZIE, F. H. (Orgs.). *Infinite Rural Systems on a Finite Planet*. Santiago de Compostela: Universidad de Santiago de Compostela, 2018. p. 379-386.

_____; ARAUJO, A. P. L'élevage agro-écologique alternatif dans les zones humides du Pantanal de l'ouest du Brésil. *Belgeo*, v. 2021, n. 2, p. 1-26, 2021.

_____; FERES, A. M. B. Participatory guarantee systems as a tool for the empowerment of small organic farmers in Brazil. In: BICALHO, A. M. S. M.; LAURENS, L. (Orgs.). *The changing face of the contemporary countryside*. Rio de Janeiro: PPGG-UFRJ/CSRS-IGU, 2014. p. 67-87.

_____; HOEFLE, S. W. Divergent trends in Brazilian rural transformation: capitalised agriculture in the Agreste and Sertão of the Northeast. *Bulletin of Latin American Research*, v. 9, n. 1, p. 49-77, 1990.

_____. *Environment perception and sustainable development in the Atlantic Forest of Southeast Brazil*. Montreal: Université de Montréal/Union Géographique Internationale, 2002.

_____. On the cutting edge of the Brazilian frontier: new and old agrarian trends in the south-central Amazon. *Journal of Peasant Studies*, v. 35, n. 1, p. 1-38, 2008.

_____. Economic development, social identity and community empowerment in the central and western Amazon. *Geographical Research*, v. 48, n. 3, p. 281-296, 2010.

_____. Regional markets and equitable development in northern Brazil: urban, metropolitan and frontier farming in the central Amazon. In: CRAVIDÃO, E.; FERNANDES, J. A. R.; VALENÇA, M. (Orgs.), *Regional and urban developments in Portuguese-speaking countries*. Nova York: Nova, 2012. p. 229-253.

_____. Conservation units, environmental services and frontier peasants in the central Amazon. In: WOOD, D. C. (Org.), *Climate change, culture, and economics*. Bradford: Emerald Scientific, 2015. p. 67-105.

_____; LAURENS, L. (Orgs.). *The changing face of the contemporary countryside*. Rio de Janeiro: PPGG-UFRJ/CSRS-IGU, 2014

_____; MACHADO, F. S. Do agrário ao periburbano: o município de Cachoeiras de Macacu na região metropolitana do Rio de Janeiro. *Geografia*, v. 38, p. 545-564, 2013.

_____. The contested countryside of urban peripheries in Rio de Janeiro. In: *How to make a just food future: alternative foodways for a changing world*, University of Sheffield, Sheffield, 2019.

_____; PEIXOTO, R. T. Farmer and scientific knowledge of soil quality: a social ecological soil systems approach. *Belgeo*, v. 2016, n. 4, p. 1-22, 2016.

BRITO, M. A.; MESQUITA, O. V. Transformações Recentes na Agricultura Brasileira. In: *III Encontro Nacional de Geografia Agrária*. Itatiaia. Rio de Janeiro: UFRJ, 1980.

Observações sobre a Geografia Agrária no Programa de Pós-graduação em Geografia da UFRJ

BÜHLER, È. A.; OLIVEIRA, V. L. The neoliberalization of nature on the agricultural frontier of the northeastern Cerrado. *Brésil(s) – Sciences Humaines et Sociales*, v. 13, p. 1, 2018.

_____; GUIBERT, M.; OLIVEIRA, V. L. (Orgs.). *Agriculturas empresariais e espaços rurais na globalização: abordagens a partir da América do Sul*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2016, p. 275-280.

_____; _____. DESJARDINS, D. R. As agriculturas empresariais na Argentina, no Brasil e no Uruguai. In: BERNANDES, J. A. (Org.). *As novas fronteiras do agronegócio*. Rio de Janeiro, Lamparina, 2016. p. 11-32.

CAWLEY, M.; BICALHO, A. M. S. M.; LAURENS, L. (Orgs.). *The sustainability of rural systems: local and global challenges and opportunities*. Galway: Irlanda: CSRS-IGU/Whitacker Institute-National University of Ireland Galway, 2013.

DINIZ, J. A. F. Políticas agrícolas e a questão da reforma agrária. In: *III Encontro Nacional de Geografia Agrária*. Itatiaia. Rio de Janeiro: UFRJ, 1980. p. 1-33.

_____. O estado da arte da Geografia Agrária na Pós-Graduação em Geografia no Brasil. In: *VIII Encontro Nacional de Geografia Agrária*. Diamantina: UFMG, 1996.

ENGA. *I Encontro Nacional de Geografia Agrária*. DINIZ, J. A. F. (Org.). Aracaju: UFS, 1978.

ENGA. *III Encontro Nacional de Geografia Agrária*. GALVÃO, M. C. C. A.; LACORTE, M. H. C.; MIRANDA, M. H. S. P.; SOARES, W. G. (Orgs.) Rio de Janeiro: UFRJ, 1980.

ENGA. *IV Encontro Nacional de Geografia Agrária*. SIEGLER, I. A.; SOUZA, M. A. A.; CAVALIN, M. B.; PESSOA, V. L. S. (Orgs.) Uberlândia: UFU, 1983.

ENGA. *X Encontro Nacional de Geografia Agrária*. GALVÃO, M. C. C. A.; MIRANDA, M. H. S. P. (Orgs.) Rio de Janeiro: UFRJ, 1990.

ESPAÇO ABERTO. Entrevista realizada com os professores: Bertha Koiffmann Becker em 20/03/2012; Jorge Xavier da Silva em 25/03/2012. *Espaço Aberto*, v. 2, n. 1, p. 151-158, 2012.

FRANK, A. G. *The development of underdevelopment*. Nova York: Monthly Review Press, 1967.

FRIEDMANN, J. A general theory of polarized development. In: HANSEN, N. M. (Org.), *Growth centers in regional economic development*. Nova York: Free Press, 1972, p. 82-107.

_____. *Empowerment*. Oxford, Blackwell, 1992.

Ana Maria de Souza Mello Bicalho

FRUTOS, L. M.; CLIMENT, E.; RUIZ, E.; BICALHO, A. M.; LAURENS, L. (Orgs.). *New ruralities and sustainable use of territory*. Zaragoza: Universidad de Zaragoza, 2009.

GALVÃO, M. C. C. A. A propósito da pequena e grande produção agrícola no estado do Rio de Janeiro. In: *IV Encontro Nacional de Geografia Agrária*. Uberlândia: UFU, 1983., p. 78-80.

_____. A propósito do espaço agrário e suas articulações com a economia urbano-industrial. *Anuário do Instituto de Geociências*, v. 10, p. 48-65, 1986.

_____. Contribuição ao debate metodológico da geografia agrária. *Anuário do Instituto de Geociências (UFRJ)*, v. 14, p. 45-52, 1991.

_____. *Memorial que acompanha o requerimento de inscrição em concurso para provimento de cargo de professor titular no departamento de geografia*, 1993 (mimeo.).

_____. Questões e desafios para a investigação em geografia agrária. In: RIO, G.P.; COELHO, M. C. N. (Orgs.). *Percursos geográficos*. Rio de Janeiro: Lamparina, p. 223-235, 2009 (1988).

GALVÃO, M. C. C. A.; COELHO, M. C. N. A propósito da organização leiteira no Estado do Rio. In: *III Encontro Nacional de Geografia Agrária*. Itatiaia. Rio de Janeiro: UFRJ, 1980. p. 14-16.

GERARDI, L. H. O. O ensino da geografia agrária no Brasil. In: *VIII Encontro Nacional de Geografia Agrária*. Diamantina: UFMG, 1996.

GUIBERT, M.; BUHLER, E. A. Funciones del recurso suelo y formas empresariales de producir: avance del capitalismo agrario en Argentina y Brasil. *Revista de Ciencias Sociales* (Montevideo), v. 29, p. 59-80, 2016

HOEFLE, S. W. Twisting the knife: frontier violence in the central Amazon of Brazil. *Journal of Peasant Studies*, v. 33, n. 3, p. 445-478, 2006.

_____. Soybeans in the heart of the Amazon? *Horizons in Geography*, n. 81-82, p. 94-106, 2012.

_____. A fronteira agrícola na Amazônia no século XXI: identidade regional, sistema agrícola, ética ambiental e modo de vida rural. *Revista Brasileira de Geografia*, v. 61, n. 1, p. 13-50, 2017.

IGEO (Instituto de Geociências). Departamento de Geografia. *Anuário do Instituto de Geociências*, v. 18, p. 79-135, 1995.

Observações sobre a Geografia Agrária no Programa de Pós-graduação em Geografia da UFRJ

KAUFMAN, M.; ALFONSO, H. D. (Orgs.). *Community power and grassroots democracy*. Londres: Zed, 1997.

LACORTE, M. H.; MIRANDA, M. "Acessibilidade e uso da terra na área Belém-Brasília". In: *III Encontro Nacional de Geografia Agrária*. Itatiaia: UFRJ, 1980, p.16-19.

MIRANDA, M. H. S. P. Transformações nos padrões de uso da terra na área da Belém-Brasília. *Boletim Carioca de Geografia*, v. 32, p. 78-101, 1982.

_____. Government projects and the expansion of the agricultural frontier – a case study in Altamira. In: MISRA, R; BECKER, B; DUNG, T. (Orgs.). *Regional development in Brazil*. Nagoya: United Nations Center for Regional Development, 1985. p. 104-121.

_____. Colonização e reforma agrária. *Boletim de Geografia*, v. 1, n. 1, p. 31-43, 1987.

_____. Experimentos alternativos em assentamentos no Acre. In: BICALHO, A. M. S. M.; HOEFLE, S. W. (Orgs.), *A dimensão regional e os desafios à sustentabilidade rural*. Rio de Janeiro: LAGET-UFRJ/CSRS-UGI, 2003. p. 383-395.

_____. 2010. Uma análise de experimentos alternativos em assentamentos no Acre. In: SANTOS JR., R. A. O.; LÉNA, P. (Orgs.). *Desenvolvimento sustentável e sociedades na Amazônia*. Belém: Museu Goeldi, 2010. p. 85-108.

MULLER, G. O complexo agroindustrial: formas de atuação, intervenção e impactos. In: *X Encontro Nacional de Geografia Agrária*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1990. p. 1-21.

MYRDAL, G. *Teoria econômica e regiões subdesenvolvidas*. Rio de Janeiro: Edições Saga, 1972 (1957).

OLIVEIRA, A. U. Agricultura e indústria no Brasil. In: *III Encontro Nacional de Geografia Agrária*. Itatiaia: UFRJ, 1980. p. 1-40.

PINTO, V. P. S. A gestão cabocla em Silves (Amazonas). In: BICALHO, A. M. S.M.; HOEFLE, S. W. (Orgs.), *A dimensão regional e os desafios a sustentabilidade rural*. Rio de Janeiro: LAGET-UFRJ/CSRS UGI, 2003. p. 374-382.

PPGG (Programa de Pós-Graduação em Geografia). *Catálogo*. Rio de Janeiro: PPGG-IGEO-UFRJ, 1993.

OLIVEIRA, V. L.; BUHLER, E. A. Regularizar as irregularidades: a governança dos recursos naturais nas fronteiras agrícolas dos cerrados nordestinos. In: OLIVEIRA, V. QUEDA. Algumas observações sobre as relações entre agroindústria e produtores rurais. In: *X Encontro Nacional de Geografia Agrária*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1990. p. 22-39.

Ana Maria de Souza Mello Bicalho

RAY, C. Neo-endogenous rural development in the EU. In: CLOKE, P., MARSDEN, T.; MOONEY, P. (Orgs.), *Handbook of Rural Studies*, pp. 278-291. Londres: Sage, 2006., p. 278-291.

ROSTOW, W. W. *The stages of economic growth*. Cambridge: Cambridge University Press, 1961.

Recebido em: 26/07/2022

Aceito em: 15/08/2022.

Notas

¹ Consultados currículos Lattes do CNPq de docentes da Geografia Humana, linha de pesquisa do programa Planejamento e Gestão do Território, que tenham trabalhos sobre o agrário em algum momento de suas carreiras ou que tenham orientado discentes de pós-graduação com temas que incluem questões da geografia agrária incluídas ao atendimento de seus objetivos.

² Dissertação de mestrado de Mesquita, O.V. (1978), é um exemplo de dissertação orientada por Galvão de cunho teórico, com uma revisão aprofundada de um extenso debate sobre o modelo de Von Thunen; disponível na biblioteca PPGG-UFRJ.

³ Dissertações de mestrado de Soares, G.S. (1976), Silva, S.T. (1979), Sobral, M.L.N. (1979) são exemplos de trabalhos sobre regionalização apoiados em tipologia agrícola; disponíveis na biblioteca PPGG-UFRJ.

⁴ A comum visão de neutralidade e de desconsideração dos pesquisadores do período da Nova Geografia, sendo alheios aos problemas sociais da realidade nacional com ampla desigualdade social e pobreza de grande parte da população trabalhadora no campo deve ser relativizada pelo objetivo de cada trabalho e pelo conjunto de suas obras. Pesquisas agrárias dos docentes do programa na década de 1970 são bastante críticas. Trabalhos de pós-graduandos realçando questões sociais são conclusos a partir de início dos anos de 1980, a exemplo de dissertações: Bicalho, A.M.S.M.(1980), Hammerli, S.M.(1982), Barbosa, S. (1982); disponíveis na biblioteca PPGG-UFRJ.

⁵ Relação de disciplinas obtida em um histórico escolar discente de 1975-76, pós-graduando da área da Geografia Humana, ao qual se teve acesso e por informações constantes do memorial de concurso para professor titular de Galvão (1993), complementadas material do PPGG (1993) e do IGEO (1995).

⁶ No início, o PPGG contou com professores de outras áreas da universidade e também de outros órgãos, como o IBGE, CEDEPLAR, IUPERJ, FEMAR, Instituto de Pesquisa da Marinha. Entre convidados externos ministrando cursos e com relevante contribuição ao programa em suas fases iniciais, encontram-se Sperião Faissol, Milton Santos, Rivaldo Gusmão e Pedro Geiger. Dos convidados estrangeiros aos cursos na década 1970 participaram Walter Stöhr (Áustria), Akin Mabogunge (Nigéria), e na década de 1980 Miguel Morales (Costa Rica), Edward William Soja (Estados Unidos), Arieh Shachar (Israel), Bernard Marchand (França), John Friedman (Estados Unidos), Hilgard O'Reilly Sternberg (Estados Unidos), Michael Dear (Estados Unidos) (ESPAÇO ABERTO, 2012; GALVÃO, 1993, PPGG, 1993). Receber professores visitantes para cursos, como conferencistas ou em cooperação em projetos de pesquisa tornou-se uma prática costumeira no programa.

⁷ Do total das dissertações e teses defendidas no PPGG-UFRJ em temas de geografia agrária a partir de 1990, 75% delas foram orientadas pelas professoras Ana Maria Bicalho e Julia Bernardes. Demais trabalhos concluídos distribuíram-se quase que unitariamente por professores de outras especializações da geografia humana, de forma interdisciplinar na geografia em temas de fronteira, economia, política e ecologia-política.

⁸ Dos primeiros anos de realização dos ENGA, teve-se acesso e foram consultados anais do I ENGA (1978), III ENGA (1980) e IV ENGA (1983).

⁹ Teses de doutorado orientadas por Bicalho sobre a Região Nordeste: Selva (2002); Barboza (2003); Abranches Jr. (2008); disponíveis na biblioteca PPGG-UFRJ.